

Orbis terrarum novissima tabula in Brasilia facta

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário

No ano de 1658, o cartógrafo e editor holandês Nicolaes Visscher publicou um planisfério de sua autoria intitulado *Orbis terrarum nova et accuratissima tabula* (Mapa novo e exato do globo terrestre, em tradução livre). O mapa, que mostra nossa Terra distribuída por dois hemisférios, é verdadeira obra de arte, com cenas mitológicas desenhadas nos quatro cantos da folha. Os dizeres são em latim, que ainda era a língua das obras sérias, não destinadas ao povão, mas a um público culto.

É interessante notar que a porção de América do Sul que mais tarde viria a ser nosso país é a terra mais central do globo. Aparece em destaque, bem no meio do mundo. Europa e América do Norte se encontram distantes do meridiano central. É compreensível que Visscher tenha decidido retratar dessa maneira o mundo então conhecido. À época, muitas terras situadas na região do Oceano Pacífico ainda estavam por descobrir, o que possibilitou ao cartógrafo amputar parte do Japão e da Austrália, regiões mal conhecidas que acabaram ficando fora do mapa. Hoje, nenhum profissional sério faria mais isso.

Dois semanas atrás, o IBGE revelou ao grande público, com estrondo, sua mais recente façanha: um mapa-múndi que, enfim, coloca o Brasil no lugar que lhe é devido — no centro do mundo! Nas palavras de Doutor Pochmann, diretor do Instituto, o costume de desenhar o planisfério com o Meridiano de Greenwich no centro não passa de “projeto eurocentrista de modernidade ocidental”. São palavras panfletárias, distantes do processo científico. Na ciência de verdade, projetos diferentes não se excluem, se complementam.

Assim mesmo, vamos que o tal “projeto eurocentrista de modernidade ocidental” existe e que o Meridiano de Greenwich são suas impressões digitais. Ainda assim, será ingenuidade acreditar que o fato de o Brasil impor a seus estudantes um planisfério em que o meridiano central foi empurrado com o cotovelo vá influir nos desígnios do planeta. A Terra vai continuar a girar e o Meridiano de Greenwich continuará aparecendo no centro dos mapas-múndi que não forem impressos pelo IBGE. Eis aí o tipo de protesto naïf e inútil, que só vai servir para confundir a cabecinha de nossos estudantes, que terão mais dificuldade em entender por que razão esse meridiano foi escolhido para iniciar a contagem das 24 horas do dia.

O alvoroço gerado pela publicação do novíssimo *Atlas Geográfico Escolar do IBGE* destoa da seriedade do objeto. Um atlas é coleção de conhecimentos, uma enciclopédia sócio-geográfica que tem direito a ser lançada com a reverência e o recato que lhe são devidos.

Nosso cartógrafo holandês do século 17 até que tinha direito de omitir terras ainda não exploradas. Tinha também o direito de cortar em dois pedaços as terras distantes e pouco conhecidas, aparecendo um de cada lado do planisfério. Nosso IBGE, herdeiro de 150 anos de tradição de seriedade, não tem mais esse direito.



Quando preparamos um mapa do Brasil, toda a atenção tem de estar focada no Brasil, evidentemente. Já quando desenhamos um mapa-múndi, nosso horizonte tem de se alargar. Além do Brasil, temos de cartografar o resto do mundo. Se não temos capacidade de fazer isso certo, é melhor desistir e importar planisférios já prontos.

O novíssimo *Atlas Escolar do IBGE* peca em diversos aspectos. Com o deslocamento do Meridiano de Greenwich de 30 graus a leste, a Austrália aparece cortada em dois pedaços. A China e a Rússia, idem. O mesmo vale para a Indonésia. Detalhe: como integrantes do G20, nenhum desses quatro países há de apreciar a travessura de nossa Novíssima Tabula. Tem mais: o Canal da Mancha é descrito como “Estreito de Dover”, enquanto o Estreito

de Malaca aparece como “Estreito de Málaga”. Outra pérola: as Ilhas Falkland (Malvinas), território britânico, são unilateralmente atribuídas à Argentina.

Numa prova de inconsistência, a “arte de deslocar o Brasil para fazê-lo entrar à força no centro do mundo” não contaminou toda a coleção de mapas-múndi guardados no site do IBGE. De meia centena de planisférios, somente uma meia dúzia foram redesenhadas conforme a novíssima versão. Os demais continuam mostrando Greenwich no centro do mapa. Parece que nem o IBGE acredita na própria mágica.

No centro do mundo não se entra pela janela nem pela porta dos fundos. Se um dia o Brasil chegar lá, terá que passar pela porta da frente. E ser recebido com dupla ala de guardas de honra, emplumados e engalanados.

Transição energética está no compasso da transmissão elétrica

» ARTHUR SOUSA

Membro do Movimento Empresarial pela Inovação da CNI e conselheiro do Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA)

Parece só um jogo de palavras, mas é muito mais do que isso. Trata-se da síntese de um desafio gigantesco que os governos e as empresas — focadas em mudar a fonte de suprimento de energia — estão enfrentando. A transição energética, que busca alternativas de baixo carbono, depende atualmente mais do que nunca dos investimentos maciços em transmissão de eletricidade no Brasil, principalmente dos projetos que viabilizem a transferência em escala da energia dos subsistemas Norte/Nordeste para os subsistemas Sudeste/Centro-Oeste. A má notícia: houve atraso no Brasil. A boa: enfim, há projetos chegando.

Esse não é um problema exclusivo do Brasil. Oitenta milhões de quilômetros de linhas de transmissão precisam ser construídas ou substituídas em todo o mundo até o ano de 2040, informa relatório recente da Agência Internacional de Energia (IAE, na sigla em inglês). De acordo com a análise feita pela agência, só assim o mundo dará conta de alcançar os objetivos da transição energética, essencial para ajudar a frear o aquecimento global, conforme alertam cientistas e a comunidade internacional.

A constatação da IAE é simples e é também igualmente verdadeira no Brasil: o crescimento da geração com fontes limpas não está sendo acompanhado pelo avanço da infraestrutura de transmissão. Logo, todo o esforço para disponibilizar fontes que possam substituir os combustíveis fósseis torna-se inócuo em razão de a energia renovável não encontrar fio suficiente

para chegar onde deve e, assim, se tornar uma alternativa viável para a substituição das fontes fósseis.

Ao mesmo tempo em que as fontes renováveis (eólica e solar) ganham relevância na matriz elétrica brasileira, reafirmando e consolidando o Brasil como exemplo mundial em geração de energia a partir de fontes limpas, o país corre para ajustar sua rede de transmissão e distribuição. Desde junho de 2023, o Brasil organizou três grandes leilões de transmissão que tiveram enorme interesse por parte de diversas companhias. Basta dizer que, nos três certames, o setor elétrico brasileiro conseguiu conceder em novas linhas de transmissão o equivalente a 10% de toda a malha existente atualmente.

Nos leilões realizados em junho e dezembro de 2023 e em abril de 2024, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) concedeu projetos para 17.119 quilômetros de novas linhas, cuja função básica será permitir que, quando prontas, haja o escoamento da energia gerada em Minas Gerais e em todo o Nordeste para os subsistemas Sudeste/Centro-Oeste.

São R\$ 54,9 bilhões em investimentos, geração de mais de 100 mil empregos e uma capacidade de transformação total de energia para alta tensão de 19.440 MVA (megavolt-ampere), estrutura fundamental para viabilizar a transferência de grandes blocos de energia da fonte de geração para regiões milhares de quilômetros distantes. Algo fundamental se considerarmos as dimensões geográficas do Brasil e o complexo e gigantesco Sistema Interligado Nacional (SIN).

Os resultados positivos dos leilões coordenados pela Aneel também se refletiram nos elevados deságios alcançados em todas as ofertas. No total, juntando os três leilões, o Brasil ofereceu ao mercado 27 projetos de linhas de transmissão. Todos foram arrematados, e os deságios sobre a Receita Anual Permitida (RAP) superaram os 40%, alcançando mais de 50% (na média) no primeiro leilão. Isso significa que os consumidores brasileiros terão uma economia com essa nova infraestrutura, ao longo dos próximos 30 anos, de R\$ 122,9 bilhões, em relação ao preço original levado ao certame.

Se o Brasil já se converteu em uma referência na geração de energia limpa, é justo pontuar que o país também está buscando se ajustar na infraestrutura de transmissão dessa nova energia, tão essencial para a transição energética, sem a qual todo o esforço rumo ao aprimoramento da matriz elétrica nacional resultaria inócuo, dada a impossibilidade de viabilizar a fluidez pelo Sistema Interligado Nacional dessa energia nova e limpa.

O país demorou um pouco a pôr em marcha um plano de atualização da infraestrutura de transmissão, o que exigirá agora um pouco de paciência para ver as linhas concedidas nos últimos três leilões funcionando. Isso deverá começar a ocorrer entre 2028 e 2030. Teremos de conviver com esse gap. O avanço da transição energética depende também da transmissão, que está contratada. Atrasou, mas há uma solução a caminho e um horizonte para o avanço da transição energética no Brasil.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Um discurso para a capital – Parte 2

Para o conhecimento das novas gerações, seguem aqui os trechos finais ou a segunda parte do discurso feito pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek por ocasião do ato que inaugurou oficialmente a capital de todos os brasileiros em 21 de abril de 1960 — ocasião em que foram fundados também o *Correio Braziliense* e a *Coluna Visto Lido e Ouvido*. O discurso proferido naquela longínqua ocasião é, até hoje, o documento político mais importante sobre Brasília, pois registra não só o nascimento de uma cidade especial, como marca uma nova etapa na história de nosso país.

“Deste Planalto Central, Brasília estende aos quatro ventos as estradas da definitiva integração nacional: Belém, Fortaleza, Porto Alegre, dentro em breve, o Acre. E por onde passam as rodovias vão nascendo os povoados, vão ressuscitando as cidades mortas, vai circulando, vigorosa, a seiva do crescimento nacional.” Ficou patente que a construção de Brasília ia, aos poucos, revitalizando a porção interior do país que ficara esquecida por séculos e que passava a ser interligada por estradas de união que estavam sendo abertas. Nesse ponto, é necessário acrescentar a colaboração imprescindível de um personagem muito estimado por JK, que era o engenheiro Bernardo Sayão. Graças ao entusiasmo desse colaborador do presidente, foi dada continuidade ao importante processo de integração nacional, iniciado ainda com o Marechal Rondon, que tinha como objetivo ligar por estradas o interior do país. Depois de efetivado o programa de construção da nova capital, no interior do Brasil, ligar por rodovias Brasília a Belém, ao Acre e a Fortaleza — os próximos desafios a serem cumpridos para dar sentido prático à mudança da capital. Ainda em janeiro de 1960, quatro meses antes da inauguração de Brasília, foram iniciadas as Caravanas da Integração Nacional. Saídas de São Paulo e do Rio de Janeiro, homens e máquinas, sob a liderança de Bernardo, foram rasgando estradas rumo à nova capital.

“Brasileiros! Daqui, do centro da Pátria, levo o meu pensamento a vossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explicai a vossos filhos o que está sendo feito agora. É sobretudo para eles que se ergue esta cidade síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã. Neste dia, 21 de abril, consagrado ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao centésimo trigésimo oitavo ano da Independência e septuagésimo primeiro da República, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, Capital dos Estados Unidos do Brasil.” Nesse trecho final, Juscelino Kubitschek fala da importância da construção de Brasília para as novas gerações que viriam. Seriam elas que iriam ser as maiores beneficiadas com essa obra e com todo o processo de interiorização do país.

Esse discurso foi proferido por Juscelino Kubitschek na sessão solene de instalação do governo no Palácio do Planalto, no dia 21 de abril de 1960, e comentado por ocasião do 64º aniversário de Brasília.

»A frase que foi pronunciada:

“Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse”.

Lucio Costa

Dito e feito

» Jussara Dutra Ferreira é daquelas pessoas que se empenham nos projetos até vê-los concretizados. Em Brasília desde o tempo da poeira, Jussara é filha de José Dutra Ferreira, garçom e mordomo de JK. Estava com a ideia de escrever um livro compilando as histórias do pai. E conseguiu. Quem quiser ler assuntos inéditos do começo de vida de Brasília é só ver os detalhes no blog do Ari Cunha.

O Mar e o mal

» Todos conversavam sobre o *Arrastão de Dorival Caymmi*. Uma música que consegue colocar ventos nas notas. Ouvindo sobre o assunto, Gilda Elizabeth Nogueira começou a contar as histórias de arrastão que passou na vida. As que viveu e as que ouviu dizer. A confusão com uma palavra tão linda, Gilda mostrou o que o tempo conseguiu fazer para que o arrastão se tornasse um fato pavoroso. Mostra que o nosso mundo já não é o mesmo. Os meninos que esperavam, na areia, o arrastão das praias que trazia o peixe bom para a família, com o passar do tempo, se transformaram nos meninos temidos que, agora sem família, arrastam pela areia a própria dignidade.

Futuro

» O DF teve liberação para o funcionamento do primeiro crematório, que fica no Cemitério Campo da Esperança. A decisão que a Sejus aguardava veio do Instituto Brasília Ambiental. Isso faz lembrar um cemitério projetado pelo arquiteto Manoel A. Madureira Filho. Apenas umas hastes com neon na ponta contendo o DNA do falecido.

»História de Brasília

Ontem na minha superquadra, houve um atropelamento. Havia dois guardas para orientar as crianças, e a orientação não foi dada. O motorista ainda tentou evitar o acidente e não conseguiu. Socorreu a vítima, o que foi muito lógico. (Publicada em 6/4/1962)